



Dom Eugênio



Waldir Pires



Cunha Lima



Moreira Franco

OS NOVOS

Inexperientes, eles se frustram na tentativa de brilhar.

"Senhores constituintes..." O novo deputado iniciou, com voz forte, seu discurso. Tentou, em vão, atrair o interesse do plenário da Assembleia Nacional Constituinte, repetiu, com mais veemência: "Senhores constituintes..." Ninguém atendeu a seu clamor. Uns estavam de costas para a tribuna, conversando e conversando permanecendo. Outros liam jornais e continuaram lendo jornais. Todos estavam cansados de tantos estrepites, empenhados em atrair audiência.

Sem saber que esse é o cenário do Legislativo, o deputado Gumercindo Milhomem (PT-SP) tomou o desinteresse como questão pessoal. Considerou-o dirigido a ele e atacou recriminando os colegas que não queriam ouvi-lo, logo ele que tem sido escutado, com interesse e carinho, por tantas outras platéias. Inclusive as que a fizeram delegado à Assembleia Nacional Constituinte.

Tal frustração acomete, frequentemente o parlamentar estreante, principalmente o que jamais exerceu mandato legislativo. Consagrado pelo voto, espera "abafar" no primeiro dia. Com frequência quebra a cabeça, porque há centenas de colegas imbuídos do mesmo propósito de brilhar. E também porque não conhece o regimento da Câmara, não sabe das regras que determinam seu funcionamento, e ignoram até onde e quando se inscrever para falar, ou quantos minutos têm para discursar, e se podem ou não apartear.

"Acho que devia haver um manual de orientação dos mecanismos de funcionamento da Casa", observa Hélio Costa (PMDB-MG).

"Tive problemas porque desconhecia o funcionamento do Legislativo. Não errei apenas porque não avancei, estou aprendendo conversando com os outros. As informações deveriam estar sistematizadas para ficarem ao alcance de todos, para orientação dos novos", confessa Átila Lyra (PFL-PI).

"Quando a gente chega aqui é muito enrolado. O novo não tem direito a nada. Tem de quebrar a cabeça para aprender. Ninguém ensina nada", queixa-se Messias Góis (PFL-SE).

José Genoíno (PT-SP) recomenda aos novos: "O estreante tem de meter a cara. Aprender a se virar. Observar, conversar com colegas. Acho porém, que cada bancada devia fazer como a do PT, que orientou os recém-chegados".

"O novo deputado tem de ser guiado. Espero, porém, que ele peça", observa o líder do PDS, Amaral Neto.

O senador Luiz Vianna Filho (PFL-BA), que está na Câmara desde a Constituinte de 1946, recomenda prudência: "O novo deve esperar. Não adianta sair correndo às cegas, porque pode cair. Deve aguardar um assunto momentoso e se agarrar a ele. Assunto é como caça: se a gente espera, sempre aparece".

"Nenhum ingênuo chega aqui", adverte o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), deputado federal desde 1947. "Ingênuo fica na suplência.

Pode não ter experiência parlamentar, o que é outra coisa. Quando aqui cheguei não havia nada. O primeiro mês foi de adaptação. Aprende-se vendo, ouvindo e conversando".

Jornalista, com experiência internacional, o gaúcho Adroaldo Streck (PMDB-RS) acha que o novo deve observar. "Em três dias descobre o que quer. Comecei por aprender onde me inscrever para falar, a que horas devia chegar. Aqui é cada um por si e Deus por todos. O deputado não pode esperar ajuda de babá, tem de ser audacioso, meio atrevido."

O Jovem e o Banqueiro

O mais jovem parlamentar, Cunha Lima (PMDB-PB), 23 anos, confessa que teve facilidades:

"Consegui gabinete do Raimundo Ázfora, que foi eleito vice-governador. Herdei apartamento, em bloco bom, do governador Tarcísio Burity. Não tive, porém, nenhuma informação sobre onde falar. Até agora não sei onde fica a assessoria legislativa. Aliás, para me inscrever para falar precisei perguntar a três deputados, um deles também novato, Lula Freire (PMDB-PE) que também não sabia. Não conhecia o instituto de declaração de voto. Se soubesse, teria recorrido a ele no episódio da participação dos senadores de 1982 na Constituinte".

Banqueiro e milionário aos 38 anos, Ronaldo César Coelho (PMDB-RJ) acha que tem pela frente "longo aprendizado. A costura política não é necessariamente objetiva. No meu caso de empresário esta é uma das dificuldades. Sou tentado a achar isso pouco objetivo, embora me lembre que assim é que se faz política".

Paes Landim (PFL-PI), que foi uma espécie de assessor não remunerado da Arena, já não se surpreende com nada:

"Eu era parlamentar sem mandato. Andava muito aqui por causa do Petrônio Portella. A gente acaba tendo uma idéia".

Nem todos, porém, têm idéia de como funciona o chamado "pinga-fogo": espaço de cinco minutos, reservado para breves comunicações dos deputados, que não comportam a partes. É oportunidade para aparecer no noticiário de A Voz do Brasil.

No meio da semana, quando Lyssaneas Maciel (PDT-RJ) justificava emenda de sua autoria, o deputado Paulo Ramos (PMDB-RJ) tentou apartear-lo. O senador Mauro Benevides (PMDB-CE), cultor do vernáculo, que presidia a Mesa, tocou a campainha e o advertiu:

"É defeso apartear o orador, durante o pequeno expediente".

"Muito obrigado, sr. presidente", respondeu Ramos e continuou o aparte. O presidente recorreu novamente à campainha e aí foi mais claro.

"Lembro ao nobre parlamentar que nessa hora é proibido dar partes".

E foi devidamente atendido.

Lustosa da Costa